



**NORBERT ELIAS & WALTER
BENJAMIN
CORRESPONDÊNCIA COMPLETA
(1938)**

TRADUÇÃO

*Tradução de Leopoldo Waizbort**

NOTA PRÉVIA

Oferece-se aqui ao leitor uma versão da correspondência completa entre Norbert Elias (1897-1990) e Walter Benjamin (1892-1940), que comporta, na verdade, quatro cartas, duas de cada um dos autores. Até onde vai a pesquisa atual, estas cartas representam a totalidade da correspondência mencionada, embora seja possível — mas pouco provável — que, no futuro, novos materiais venham a ser descobertos.

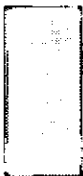
Todas as cartas foram escritas em língua alemã. O texto original, do qual partiu a tradução, encontra-se em: Schöttker, Detlev. Norbert und Walter Benjamin. Ein Briefwechsel und sein Zusammenhang. In: Rehberg, Karl-Siegbert (ed.). *Norbert Elias und die Menschenwissenschaften. Studien zur Entstehung und Wirkungsgeschichte seines Werkes*. Frankfurt/M., Suhrkamp, 1996, pp. 71-76. Schöttker, responsável pelo achado, pesquisa e publicação das cartas, procura, em seu texto, contextualizar e interpretar o conteúdo da correspondência. Assim, os interessados podem reportar-se, com enorme proveito, ao seu artigo.

* Professor doutor do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.



A versão das cartas para o português foi pensada inicialmente como uma interlocução à fala do prof. Sérgio Miceli na mesa-redonda “Norbert Elias: 100 anos”, realizada junto ao Curso de Pós-graduação em Sociologia da FFLCH-USP, em junho de 1997. Na ocasião, o prof. Miceli desenvolveu uma instigante argumentação acerca das estratégias e procedimentos de Elias para evitar — ou melhor, romper com — a “determinação” na análise dos processos sociais, e exatamente este me pareceu, então, um dos pontos que afluíam na correspondência aqui reproduzida. Posteriormente, utilizei as cartas como uma introdução geral em uma disciplina sobre Elias no Curso de Graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP, justamente porque a correspondência põe em evidência duas dimensões fundamentais: por um lado, o que está por detrás das cartas é um embate no campo intelectual alemão, e frankfurtiano em particular, em que se confrontam duas grandes vertentes do pensamento social do nosso século. A par disto, a correspondência merece ser situada no interior dos debates acerca das relações entre sociedade e psique, que se desenvolveram de modo relativamente amplo nos anos 30 — pense-se, por exemplo, no registro marxismo e psicanálise. Por outro lado, ela nos fornece uma via de acesso privilegiada para a leitura de *Sobre o processo de civilização. Investigações psicogenéticas e sociogenéticas*, que, na ocasião, eu lia com os alunos.

Como as relações entre sociedade e psique configuram um dos núcleos programáticos do livro de Elias, publicado em 1939, e um dos pontos nodais da correspondência, parece-me mais do que oportuno acrescentar como apêndice às cartas uma passagem da *Nova série das lições de introdução à psicanálise*, que Sigmund Freud deixou publicar no início da década de 30 e que aborda literalmente o mesmo problema que Elias. O passo de Freud deve ser compreendido, assim, como uma contrapartida, no campo da psicanálise, às inquietações que moviam Elias e que o levaram a buscar entrelaçar psicogênese e sociogênese ou, como ele também diria, *habitus* e estrutura social.



1. Norbert Elias a Walter Benjamin, 17/04/1938

1 University Street
WC 1 [Londres]
17.4.38

Prezado Sr. Dr.,

tomo a liberdade de enviar-lhe, em anexo, um exemplar do primeiro volume de meu livro *Ueber den Prozess der Zivilisation* [*Sobre o processo da civilização*]. Gisela Freund escreveu-me que falou a respeito com o Sr. Seria uma grande satisfação para mim — e decerto também o meu desejo — ver o livro resenhado pelo Sr. na revista do Instituto.

Digo-lhe francamente que propus a mim mesmo, neste trabalho, uma tarefa enorme. Por detrás de todos os numerosos materiais e exemplos — que talvez atraiam o olhar demais para si, mas que eram indispensáveis, caso não quisesse dizer apenas generalidades — está a idéia de que nunca poderemos compreender os nexos entre o processo social e o “psíquico” enquanto observarmos no psíquico apenas o que é estático e imutável, enquanto não olharmos o psíquico “em processo”. Parece-me que não se chega a lugar nenhum quando, de uma perspectiva marxista, a psicanálise ou alguma outra forma a-histórica da psicologia é criticada ou combatida em virtude de um ou outro pormenor. Frente a nós encontra-se a tarefa mais positiva de tornar acessível ao nosso entendimento a ordem da transformação histórica do psíquico. É a isto que este primeiro volume busca contribuir. Resta ainda investigar, passo a passo, quais processos sociais são os motores dessa transformação psíquica. Isto ocorre no segundo volume, que se encontra no momento em impressão e que por razões exteriores infelizmente ainda demorará um pouco.

Não posso julgar se fui capaz de apresentar de modo claro e convincente o problema a que me propus. Espero — após uma viagem para conferências na Escandinávia, que estou na iminência de realizar — poder passar por Paris e então muito me alegraria, se



houver oportunidade, conversar pessoalmente com o Sr. sobre o assunto. Entretanto, como pretendo ir à América no outono, seria um grande obséquio se o Sr. pudesse arranjar as coisas de tal modo que a resenha seja publicada antes disso.

Até então os meus melhores cumprimentos

o seu muito dedicado

Norbert Elias [assinatura]

2. Walter Benjamin a Norbert Elias, 13/05/1938

Paris, 13 de maio de 1938.


Prezado Sr. Elias,

acuso o recebimento de seu livro com o maior agradecimento. Li-o com enorme interesse. O material que o Sr. apresenta cra-me inteiramente desconhecido; ele ilustra sua exposição de maneira primorosa.

Se a compreendi corretamente, o problema aparece inicialmente na Introdução. A variabilidade geral do conceito de civilização torna-se uma certeza para o leitor de sua obra. As comprovações que o Sr. apresenta são em parte extraordinariamente cativantes.

No que diz respeito às questões básicas de método — como o Sr. as desenvolve na p. XVII —, elas devem encontrar resposta, como o Sr. me escreveu, no segundo volume de seu trabalho. O Sr. coloca esse problema na medida em que o Sr. se afasta do relativismo histórico e tem em vista uma ordem da transformação histórica. Com isso se lhe apresenta, evidentemente, a alternativa entre a concepção idealista da história e a concepção de história do materialismo dialético. Creio que, no segundo volume, o Sr. irá tomar posição em relação a estas questões de método.

Esta é a questão que está no centro dos meus próprios interesses. Eu gostaria, antes de resenhar seu livro, de aguardar o desenvolvimento de sua posição, ainda mais porque não sou muito



competente no que diz respeito às exposições pragmáticas de seu livro. Há conhecedores da história cultural dos séculos XVI-XVIII muito melhores do que eu.

Creio que não há nada que se oponha à minha resenha posterior de sua obra, se a *Zeitschrift für Sozialforschung* [Revista para a Pesquisa Social] ocupar-se, em um relato prévio, do conteúdo histórico-cultural de sua obra. Para tanto não é necessária a minha intermediação; do contrário eu a realizaria com prazer.

Com os meus melhores cumprimentos

o seu muito dedicado

[sem assinatura, pois se trata de uma cópia da carta]

3. Norbert Elias a Walter Benjamin, 03/06/1938

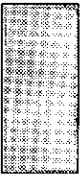
Dr. Norbert Elias

1 University Street
London WC 1
3 de junho de 38.

Prezado Sr. Dr.,


muito lhe agradeço por sua carta de 13 de maio e pelas palavras amigáveis acerca de meu trabalho. Desculpe-me pela demora de minha resposta. Estive, por seis semanas, em uma viagem muito cansativa, dando palestras, e só agora tenho novamente um pouco de tranquilidade.

Permita-me ir diretamente a um dos pontos centrais do que o Sr. me disse. Há ali um mal-entendido: excluindo as observações iniciais, que o Sr. conhece, meu trabalho contém, no segundo volume, tão poucas considerações metodológicas quanto no primeiro. Assim como o primeiro volume ocupa-se sobretudo de processos psíquicos concretos determinados, o segundo volume debruça-se sobre processos sociais concretos que põem em marcha aqueles processos psíquicos. Quero crer que melhor do que todos



os enfrentamentos metodológicos — estou certo de que o Sr. e eu temos a esse respeito a mesma opinião, de que na Alemanha já se teve mais do que o suficiente disto — é a prática, o trabalho concreto de pesquisa que indica de que espírito se é filho. E fico um pouco surpreso em ver que o Sr. fica em dúvida a esse respeito em relação ao meu primeiro volume. Eu não teria considerado possível que alguém o visse como um exemplo de uma concepção “idealista” da história.

Para minha grande satisfação, pude constatar em minha viagem à Escandinávia que pessoas que leram o livro sem prevenções em relação a mim compreenderam imediatamente o que me interessava acima de tudo no caso em questão: eu queria encontrar um método claro e um material inequívoco que superassem a consideração estática dos fenômenos psíquicos, dominante até agora. Quem, como o Sr. e eu próprio, nunca quer perder de vista a imagem do processo social estruturado de modo claro, não pode se satisfazer com tal consideração estática do psíquico, que domina atualmente mesmo as mais modernas correntes da psicologia. Em relação ao que se pode entender como “dialética”, essa palavra pretende traduzir a ordenação, a estrutura, a legalidade das transformações sociais. A tarefa do primeiro volume é indicar que a estrutura do psíquico é suscetível à mesma ordenação. Esta tarefa é, atualmente, vista apenas por muito poucas pessoas — dentre elas, p. ex., Erich Fromm —, para não falar dos que a tomam para si. Esta é a razão pela qual me dirigi ao Sr. com o pedido de uma resenha. Estava seguro de que o Sr. está dentre os homens que são competentes para julgar um livro como esse. É um equívoco se o Sr. acredita que se trata de um trabalho de história da cultura e que os historiadores da cultura seriam especialmente capazes de compreendê-lo. Na distinção de “civilização” e “cultura” já se encontra um pouco disto. E possuo exemplos para o fato de que os historiadores da cultura, acostumados a ver o “essencial” da história na esfera do espírito e das idéias, olham com muito pouco entendimento para esse ensaio de psicologia histórica, no qual se fala de coisas tão simples como comer, assoar o nariz e dos impulsos



humanos mais elementares. Contudo, no meu caso não se trata — como tão freqüentemente ao historiador da cultura — de uma simples coleção de dados históricos, mas sim da demonstração de estruturas sociopsicológicas, a partir das quais se pode lançar, de maneira mais inequívoca do que era possível até então, uma ponte para as estruturas sociais.

Portanto uma vez mais: muito me alegraria se o Sr. pudesse dar-se ao incômodo de anunciar este volume de meu trabalho na *Zeitschrift für Sozialforschung*. Caso o Sr. prefira não o fazer, deixamos a coisa de lado. Perdi há muito o contato com Erich Fromm. E o Sr. compreenderá que não gostaria, em nenhuma hipótese, de deixar a resenha desse livro nas mãos de pessoas não competentes.

Com os melhores cumprimentos

o seu muito dedicado

Norbert Elias [assinatura]

4. Walter Benjamin a Norbert Elias, 12/06/1938

Paris XV, 10 Rue Dombasle,
12 de junho de 1938.

Mui prezado Sr. Dr.,

muito lhe agradeço por sua detalhada carta de 3 de junho.

Nada me agradaria mais do que poder seguir o desenvolvimento de suas idéias. Entretanto, segundo o meu ponto de vista, o que se pode entender como psicologia social só pode ser decidido a partir do esboço de uma teoria da sociedade que faça de seu objeto privilegiado a luta de classes — ou seja, as formas, dominantes em cada sociedade, de expropriação do trabalho de uma maioria por parte de uma minoria.

Na Alemanha não tivemos nenhuma abundância em contribuições para uma tal teoria da sociedade, fundada no método



materialista, que sejam diferentes das assim chamadas investigações metodológicas — em cujo menosprezo eu me uno ao Sr. —, e mesmo hoje ainda não a temos.

Não é impossível que minha perspectiva lhe pareça limitada; mas qualquer coisa que faça, mesmo uma resenha, a têm como pressuposto.

Com os melhores cumprimentos


o seu muito dedicado

[sem assinatura, pois se trata de uma cópia da carta]

Apêndice

Sigmund Freud. *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse* (1932-33). Studienausgabe, Frankfurt/M., S. Fischer, 1989, vol. 1, pp. 604-606.

A força do marxismo não reside decerto em sua concepção da história e na previsão do futuro fundada nela, mas sim na demonstração perspicaz da influência coercitiva que as relações econômicas dos homens têm sobre suas representações intelectuais, éticas e artísticas. Uma série de relações e dependências, que eram até então praticamente desconhecidas, foram assim desveladas. Mas não se pode admitir que os motivos econômicos sejam os únicos que determinem o comportamento dos homens em sociedade. Já o fato indubitável de que pessoas, raças e povos variados, sob as mesmas condições econômicas, se comportam de modo variado exclui o domínio exclusivo dos momentos econômicos. Não é compreensível como se pode sobrelevar os fatores psicológicos quando se trata de reações de seres humanos vivos, pois não só tais reações já tomaram parte na criação daquelas relações econômicas, como também mesmo sob seu domínio os homens não podem fazer outra coisa a não ser pôr em jogo suas pulsões originárias,



seu impulso à autoconservação, seu desejo de agressão [Aggressionslust], sua necessidade de amor, seu impulso na busca do prazer e na evitação do desprazer. Em uma investigação anterior, também apontamos a significativa pretensão do superego, que representa a tradição e as formações ideais do passado e que irá opor resistência durante certo tempo aos impulsos de uma nova situação econômica. Por fim, não devemos esquecer que, sob a massa humana submetida às necessidades econômicas, corre o processo do desenvolvimento da cultura — outros dizem da civilização —, que certamente é influenciado por todos os outros fatores, mas que em sua origem é seguramente independente deles, comparável a um processo orgânico, e decerto também está em situação de influenciar, por seu lado, os outros momentos. Tal processo desloca os fins das pulsões e faz com que os homens se rebelem contra aquilo que até então lhes era suportável; e mesmo o fortalecimento progressivo do espírito científico parece ser uma parte essencial desse processo. Se alguém estiver em condições de indicar em detalhe como esses diferentes momentos, o equipamento pulsional [Trickanlage] humano em geral, suas variações raciais e suas reconfigurações culturais geram, inibem e fomentam umas às outras, sob as condições do ordenamento social, da atividade profissional e das possibilidades de aquisição, se alguém puder fazer isto então ele teria realizado a complementação do marxismo rumo a uma verdadeira ciência da sociedade.